



## **Produção Cultural na Mídia Fronteiriça Brasil-Argentina<sup>1</sup>**

**Vera Lucia Spacil RADDATZ<sup>2</sup>**  
**Universidade Regional do Noroeste do RS, Ijuí, RS**

### **Resumo**

O artigo traz a discussão sobre comunicação e produção cultural na mídia de fronteira e tem como contexto de análise a fronteira Brasil-Argentina nos limites do Rio Grande do Sul com Corrientes e Misiones. O estudo está focado nas marcas culturais presentes nas emissoras de rádio e jornais dessa região. A fronteira é olhada aqui na sua dimensão cultural e não como um espaço geopolítico de demarcação de limites. A música, a história, a língua e as relações de vizinhança estabelecidas neste espaço são elementos importantes e estão presentes na mídia local, abrindo o debate para o tipo de cultura que por ali é produzida e circula, quais as fontes de origem e os traços que a caracterizam como cultura de fronteira.

**Palavras-chave:** comunicação; mídia; cultura; fronteira; produção cultural.

### **Introdução**

Os fluxos de produção e consumo de bens culturais são impulsionados pelo ambiente criado pelas tecnologias de informação e comunicação, como a web, independente de territórios ou relações de poder que possam ser estabelecidos. Pensar a fronteira dentro deste contexto, por meio da mídia impressa e radiofônica, como lugar de produção cultural concentra nossa análise na fronteira Brasil-Argentina, no espaço territorial que abrange Rio Grande do Sul, Corrientes e parte de Misiones.

A cultura se constitui a partir das relações que se retroalimentam em um determinado espaço e compreende a circulação de pessoas, línguas, costumes, tradições, histórias e tecnologias, formando um conjunto de significados a serem lidos nos modos de vida, formas de relacionamento e produção cultural. A mediação dos processos, principalmente os de comunicação, concentra-se em todos os campos de atividade, como: turismo, economia, diplomacia, comércio, indústria, entre outros, nos quais estão presentes elementos culturais. Podemos arriscar dizer que, nos dias atuais, nada se produz ou se consome sem que haja mediação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao III Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE, setembro de 2011.

<sup>2</sup> Dra em Comunicação e Informação; Professora e pesquisadora do Curso de Comunicação Social da Unijui. E-mail: verar@unijui.edu.br. O texto foi escrito em co-autoria com Karla Maria Müller; Dra em Comunicação, Professora e pesquisadora da UFRGS. E-mail: kmmuller@adufgrs.ufrgs.br



A mediação é o processo pelo qual as relações estabelecidas entre as partes estão interligadas por algum tipo de mecanismo que venha propiciar melhor dinâmica de assimilação do conteúdo ou desenvolvimento de uma atividade. No que diz respeito à mídia e à comunicação, Martín-Barbero (2009, p. 151-152) propõe “as mediações comunicativas da cultura” explicadas pela “tecnicidade”, a “institucionalidade”, a “socialidade” e a “ritualidade”. Este é um novo olhar do autor sobre as mediações antes vistas como “dimensões simbólicas da construção do coletivo” e agora, “portanto, o olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação”.

Esta proposição ajuda a compreender as mudanças nos processos comunicacionais do rádio e do jornal, frente às tecnologias, e as consequências imediatas em relação ao público consumidor. Não se trata de descrever uma relação de causa e efeito, mas de entender melhor os processos de produção cultural da mídia situada na faixa de fronteira do Brasil com a Argentina.

Embora seja importante considerar a fronteira no seu sentido geopolítico, como um limite territorial que implica mudança de comportamento físico e social, em decorrência de fatores étnicos, confessionais ou econômicos e a influência destes no contexto social, o foco aqui é outro. Interessa-nos principalmente as fronteiras culturais, que se desenham pelo cotidiano, pelas vivências e práticas dos povos que nela habitam e suas relações de vizinhança, representadas simbolicamente na mídia. A fronteira é, no ponto de vista aqui abordado, um lugar de mediação num momento da história em que a tecnologia e a informação não têm fronteiras e permitem uma maior interação entre os consumidores e produtores de cultura.

Nas fronteiras culturais, o local e o regional não desaparecem, mas assumem outra característica que deixa à mostra uma fronteira pontilhada de manifestações oriundas das formas identitárias entre as nações. Não são identidades, mas identificações que se mostram a partir das “mediações comunicativas de cultura”.

Neste artigo pretendemos discorrer acerca dessas questões, tendo como pano de fundo a fronteira oeste, representada por Uruguaiana-Libres e alguns aspectos da fronteira noroeste do estado do Rio Grande do Sul, demarcando a região de Santa Rosa, Santo Cristo, Três de Maio e Porto Mauá, municípios próximos da linha divisória com a Argentina. A escolha dessa região denota um movimento cultural interessante pela natureza de sua diversidade. Em Uruguaiana-Libres, o destaque é para os ritmos



nativistas e o tango na música e para a língua espanhola, por força das influências históricas, com marcas fortes na cultura local. Na região noroeste, aparece o ritmo das bandinhas e a língua alemã, misturada ao espanhol e ao português, resultando numa cultura popular de forte impacto local.

Iniciamos nossa discussão a partir das considerações em torno da cultura e da identidade, para chegar as suas relações com a comunicação e mídia de fronteira.

### **1. Considerações sobre cultura e produção cultural**

A cultura reflete a natureza dos lugares, das pessoas, de seus feitos e de suas histórias e transforma-se com o movimento da sociedade e da tecnologia. As mais variadas áreas do conhecimento se debruçam sobre a difícil tarefa de conceituar a cultura, tal a abrangência do seu significado.

Nos seus aspectos mais elementares, a diversidade cultural das nações está cada vez mais difundida pela internet. Por meio da web hoje é fácil descobrir e chegar a lugares e povos que até bem pouco tempo eram ignorados. Num mundo em que o acesso à internet cresce vertiginosamente, não só as informações oficiais veiculadas pelos portais de notícias dão conta desta realidade, bem como blogs e as redes sociais. As redes produzem a comunicação e a informação pela sociabilidade, fazem amigos e criam, pela interação, um fluxo constante de informações, gerando conhecimento e trocas culturais, que nenhuma mídia convencional teria estrutura suficiente para fazê-lo.

Essas trocas formam ciclos fluidos de produção de cultura e conhecimento, que por vezes se dão a partir de uma simples “pergunta no Google”, como por exemplo, “qual é o lugar mais bonito da Argentina?” Como resposta, o internauta pode ter no mínimo dez páginas de conteúdo para navegar além da opção de encontrar outras possibilidades no meio do caminho, desviando-se do objetivo inicial. Na web, a informação circula e é consumida de forma não linear. As vozes se misturam e os discursos são novos e plurais. Há espaço para as minorias e para a resistência. Como acentua Ferrari (2007, p.44), “diante dessa nova capacidade de comunicação global, vem a público a fala dos grupos sociais excluídos”, onde se dissemina a “cultura da diferença ou da diversidade”. O hipertexto é a forma mais imediata de busca de conhecimento na sociedade contemporânea.

O sujeito dos anos 2000, impregnado da cultura digital, convive com experiências de realidades diferentes, reconhecendo o caráter dessa diversidade na



produção cultural a que tem acesso. E há ainda outro tipo de diversidade relativa ao elemento local, que pode parecer contraditória, mas que se explica, de um lado, pela condição do territorial e, de outro, pela mundialização da cultura, que ao mesmo tempo em que faz circular a diversidade, acentua as diferenças.

A cultura local é latente, próxima do sujeito porque está ligada as suas origens e vivências desde a infância. Considerando a lógica da globalização não podemos afirmar que o popular é sinônimo de local ou que se forma em consequência apenas de um território: “Não consiste naquilo que o povo é ou tem num espaço determinado, e sim naquilo que lhe é mais acessível ou mobiliza sua afetividade” (GARCIA CANCLINI, 2008, p.94). Nas suas manifestações, o sujeito reconhece um elenco de personagens do lugar, traços fisionômicos, expressões e termos próprios, às vezes compreendidos somente naquele contexto. O artesanato, a música, o sotaque são facilmente nominados não somente como cultura local referente ao território geográfico onde este sujeito nasceu e cresceu, mas também como cultura dele, da qual ele faz parte de modo imediato, e por isso a compreende, absorve e interage com ela. Ele cria o laço, a afinidade e a afetividade. Para o autor, “popular é o que seduz multidões”.

Mas ao mesmo tempo, esse sujeito tem a possibilidade do deslocamento, ou seja, a mobilidade, que tanto pode ser física como virtual. É nesse momento que além de reconhecer a si mesmo, vai reconhecer os outros. Formam-se assim as identificações, as identidades múltiplas, acionadas no sujeito, de acordo como ele atravessa a cultura ou é atravessado por ela. Hoje é preciso discernir e pensar as alteridades deste novo mundo. Como afirma Mattelart (2005, p.97-98), “não há cultura sem mediação, não há identidade sem tradução”. Os sujeitos são intérpretes da realidade. “Cada sociedade retranscreve os signos transnacionais, adapta-os, os reconstrói, reinterpreta-os, reterritorializa-os, ressemantiza-os”. E quando se refere à tradução, o autor afirma que esta é “a mediação entre a pluralidade (de culturas, de nações, de religiões) e a unidade da humanidade”, o que levaria à criação de “semelhança ali onde parecia haver apenas pluralidade”.

Dentro desta concepção, as culturas são traduzíveis justamente pelas possibilidades de trocas que ocorrem entre os sujeitos, o que contribui para o conhecimento e a tradução da história dos povos e das sociedades. No mundo contemporâneo em que tudo flui e se esvai rapidamente, a noção de identidade molda-se ao comportamento da modernidade. Não é fixa e aloja-se às situações em que o sujeito



se encontra e às conexões que estabelece com o grupo ou ambiente ao seu redor. É, para Bauman (2005, p.82-83-84), um termo carregado de ambiguidade e controvérsias, “uma faca de dois gumes” e “um conceito altamente contestado”, pois as questões relativas à identidade tanto podem unir, quanto segregar ou excluir. “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação” e onde se busca compreender como conviver com as diferenças, conforme acentua Hall: “diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo moderno, e o absolutismo étnico, uma característica regressiva da modernidade tardia” (HALL apud BAUMAN, 2005, p. 105).

A cultura de fronteira, conforme afirmamos em outros trabalhos, MÜLLER (2003), RADDATZ (2009), tem na linguagem o seu principal elemento de interação social, pois falar a mesma língua é muito importante no conjunto das práticas identitárias. Isso não significa uma unidade linguística em torno de um mesmo idioma, mas uma língua de proximidade, no caso da fronteira, Brasil-Argentina, o espanhol e o português produzem o portunhol. Embora o idioma do Mercosul, mercado econômico do qual fazem parte os dois países, seja normalmente o espanhol, é o improvisado portunhol que ganha a popularidade para a comunicação entre os falantes nas ruas, pontos de comércio, turismo e lazer.

E a mídia, principalmente a radiofônica ratifica essa relação coloquial por meio das participações do público e dos próprios locutores. Os jornais, de modo geral, mantêm maior fidelidade ao idioma nacional, mas mesmo assim, em seções mais ‘descontraídas’, nas ilustrações e charges, há a permissividade (em convivência com o leitor) e aceitação de marcas linguísticas de outra ordem que não da língua nacional. Já verificamos em estudos anteriores que além de estarem presentes expressões em espanhol nas páginas de jornais produzidos nas fronteiras nacionais brasileiras, também foram analisados textos em árabe e em inglês. Tais constatações reforçam a idéia que os meios de comunicação têm muito a contribuir para a construção ou manutenção da identidade e da cultura na fronteira. A identidade se constitui, portanto, na sociedade, porque ali os sujeitos são formados culturalmente e ao mesmo tempo, a partir da globalização, se desterritorializaram para paralelamente fazer a reterritorialização. Ou seja, em razão de um mundo mais globalizado, entendia-se que a cultura correria o risco de se tornar homogênea, mas, ao contrário, ocorreu que as diferenças ficaram mais evidentes e os sujeitos promoveram um movimento de volta as suas origens, numa espécie de contraponto ou resistência cultural. Isso demonstra as fragilidades, porque



não apaga os conflitos entre as forças homogeneizadoras e a defesa da diversidade, mas também ressalta a flexibilidade para interagir dentro de sua cultura e com as outras.

Este movimento é visível no espaço fronteiriço. O reconhecimento e o respeito à diferença por um lado reforçam as especificidades identitárias dos povos que habitam as regiões analisadas neste estudo; por outro tornam o espaço fértil para receber cidadãos e manifestações culturais de diversas regiões do país (e de outras partes do mundo), sem que isto cause um estranhamento negativo ou estimule a xenofobia.

Cabe então, debruçar-se um pouco mais sobre a questão da fronteira, especialmente, as fronteiras culturais, compreendendo que a interculturalidade é um conceito determinante quando se pensa em fronteira. Para Stavenhagen (2003, p.49) interculturalidade “são as novas relações interculturais que se estabelecem no contexto da globalização”, em que os sujeitos não só se integram, mas, “é preciso saber conviver com a alteridade” e acima de tudo, “é preciso interagir com ela”. Esta também é a visão de García Canclini (2005, p.131) que acredita que “hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas”. Todos esses aspectos, porém de forma acentuada e mais visível, encontramos nas regiões de fronteira.

## **2. Fronteiras geográficas e fronteiras culturais**

As fronteiras estão no mapa. Mas como dizia Mário Quintana, no poema A Terra<sup>3</sup> “as fronteiras foram riscadas do mapa”. A visão não é contraditória. Consiste aparentemente num jogo de palavras, para fornecer o real sentido do que as fronteiras representam hoje. A fronteira física e geopolítica, que marca o papel do estado protetor de seu território continua lá, como limite. Entretanto, as relações provocadas pelos movimentos do homem e das políticas de mercado flexibilizaram as fronteiras, e uma nova cultura protagonizada pelas tecnologias de informação e comunicação se encarregou de abrir definitivamente as fronteiras.

Quando falamos em fronteiras culturais (MARTINS, 2002), estamos nos referindo a um conjunto de elementos, objetivos e subjetivos, que corresponde às experiências do modo de ser e viver culturalmente em espaços fronteiriços. São fronteiras impossíveis de mapear, pois são antes de tudo, fatos culturais. “As fronteiras culturais são mais vistas não como barreiras intransponíveis, mas sim como obstáculos

---

<sup>3</sup> Disponível em [www.marioquintana.blogspot.com](http://www.marioquintana.blogspot.com). Acessado em: 20 de junho de 2011.



físicos ou políticos que retardam os movimentos culturais ou que os desviam para canais distintos” (BURKE, 2006, p.150). Entre as formas de barreiras culturais estão as religiosas e as linguísticas, sendo que as religiosas são hoje alvo de muitos conflitos e guerras em algumas regiões do mundo, “geralmente dão lugar à recusa consciente e à resistência à inovação”.

Em espaços de fronteira, como do Rio Grande do Sul (BR) com a Argentina, situamos a fronteira cultural linguística como uma zona de transição, “uma região intermediária”, como diz Burke, “em que a maior parte das pessoas fala as duas línguas ou ocorre uma mistura entre elas”, no caso, o português. Não é, portanto, esta, uma fronteira de resistência. Desse ponto de vista, “o domínio da cultura não tem território interno: distribui-se inteiramente ao longo das fronteiras (...), todo ato cultural vive essencialmente nas fronteiras” (BAKHTIN, M. apud BURKE, 2006, p. 149).

Por muito tempo as regiões de fronteira foram vistas apenas como lugar de perigos e contrabando. Um lugar periférico em relação aos demais. Para Burke (2006, p. 155-156), “zona de contato”, “zona com cultura própria”, “barreira”, independente de qualquer denominação, seria uma tarefa quase impossível escrever a história cultural de qualquer lugar sem utilizar a idéia de fronteira. “Literalmente periférica, na medida em que diz respeito aos historiadores culturais, a noção de fronteira é – ou, de todo modo, passou a ser – absolutamente central”.

São as fronteiras culturais, para Pesavento (2002, p.36), que “remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, ao *ethos*, valores significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias”. São as fronteiras culturais que, segundo Martins (2002, p.238) “com suas ambivalências e ambigüidades, similitudes e especificidades de ordem social, linguística, existencial, enriquecem sobretudo a fronteira”.

### **3. Mídia e cultura: sons que se ouve e histórias que se contam na fronteira**

É importante registrar que a fronteira noroeste do Rio Grande do Sul e a fronteira oeste, com a Argentina, apresentam caminhos próximos no que diz respeito a sua formação histórica. Esta trajetória tem influências da imigração européia, especialmente a portuguesa, espanhola e a alemã, guerrilhas, heranças indígenas, movimentos de contestação e produção cultural.

Na região noroeste do Estado o “Projeto Fronteiras: a identidade fronteiriça nas ondas do rádio”, projeto de pesquisa do Curso de Comunicação Social da Unijuí, está



resgatando a história das emissoras situadas na faixa de fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, na Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial. Desde o ano de 2008, vem observando algumas manifestações culturais produzidas pela mídia nesta região e compara com estudos já feitos em outras fronteiras – Uruguaiana-Libres - por integrantes do Grupo de Pesquisa Mídia, Tecnologias e Cultura, do CNPq, onde está registrado.

Por meio de outros trabalhos investigativos, de caráter acadêmico, dos quais fazemos parte<sup>4</sup>, temos observado como as práticas culturais das fronteiras nacionais brasileiras têm relevância para pensar (e analisar) as manifestações dos habitantes e das instituições do lugar, entre estas as empresas midiáticas da região e o material nelas produzido e posto em circulação.

Na Fronteira Noroeste, a cidade de maior porte mais próxima da linha divisória é Santa Rosa, distante 45 km de Porto Mauá-Alba Posse. A entrada no lado argentino se dá por meio de uma balsa que atravessa o Rio Uruguai. “Na terra da Xuxa”, a maior expressão cultural é o Musicanto Sul-Americano de Nativismo, que coloca no palco compositores e intérpretes do Brasil, do Uruguai e da Argentina, cujas afinidades se projetam nos acordes dos violões e nos tambores da música sul-americana, que canta principalmente a terra e suas gentes, bem como a poesia do rio Uruguai. Em Santa Rosa há cinco emissoras de rádio (Noroeste AM, Guaíra FM, Santa Rosa AM, Lidorsom FM, Fema FM) e três jornais (Noroeste, Gazeta Regional e Cruzeiro, este é mensal).

Em Ijuí, município localizado na faixa de fronteira<sup>5</sup> do Arco Sul, mas a uma distância de pelo menos 116 km da linha divisória com a Argentina, entrando por Dr. Maurício Cardoso, desenvolve-se uma expressão cultural muito interessante, provocada pela composição de 12 grupos étnicos que formam a União das Etnias de Ijuí (UETI), que se integra a um movimento semelhante que existe na cidade argentina de Oberá, na Argentina. Enquanto Ijuí realiza a Festa Nacional das Culturas Diversificadas (Fenadi), Oberá, situada a 58 km de Porto Mauá, faz a Festa Nacional do Imigrante. Em Oberá há

---

<sup>4</sup>Podemos destacar os projetos “Práticas Socioculturais Fronteiriças na Mídia Online”(iniciado neste ano de 2011) e “Práticas Socioculturais fronteiriças na mídia impressa e online: A Platéia (Santana do Livramento/BR-Rivera/UY) e Jornal da Praça (Ponta Porã/BR-Pedro Juan Caballero/PY)” (2009-2011), Comunicação, cultura(s) e identidade(s) Fronteiriças (2004-2008), desenvolvidos junto ao PPGCOM/ UFRGS.

<sup>5</sup> Faixa de 150 quilômetros instituída como área de fronteira nos limites de um país e de outro.





inclusive uma casa da coletividade brasileira, entretanto, em Ijuí a nação argentina não está representada em nenhum grupo étnico. Esta questão cultural foi debatida no videodocumentário “Os Outros Lados do Rio: identidades culturais ao Sul da América do Sul” (DEWES; DORNELES; ENDRUWEIT, 2008), demonstrando que a identidade cultural está ligada principalmente às origens, mas é revitalizada pelas representações que os povos delas constroem, a partir de suas relações, vivências e interações. Aborda o Brasil dos argentinos, a Argentina dos argentinos, o Brasil dos brasileiros e a Argentina dos brasileiros.

Ijuí tem um número considerável de rádios e jornais. São sete emissoras de rádio (Repórter AM, Iguatemi FM, Jornal da Manhã AM, Progresso de Ijuí AM, Mundial FM, Unijuí FM, Fraternidade FM), cinco jornais (Jornal da Manhã, O Repórter, Hora H, Ijuí.com, Classificação) e duas revistas (Stampa, TRI). Nas rádios e jornais de Ijuí o que vamos notar em relação à produção cultural é uma diversidade quanto ao conteúdo. As informações são locais e regionais, mas raramente tem a fronteira como pauta, talvez até por se localizar mais distante do limite geográfico do que Santa Rosa ou Porto Mauá, bem como não se nota a presença do portunhol nas falas locais, como acontece em Uruguaiana, por exemplo, pela mesma razão apontada. Já os ritmos que tocam nas emissoras variam conforme espaços específicos e segmentados, com predominância em algumas emissoras do sertanejo e nativista. Mas o que é bem saliente é a manutenção em programas de língua estrangeira, como o alemão e o italiano, que mantêm espaços regulares na programação semana, promovendo a difusão da música, das atividades dos grupos étnicos e da língua, percebendo-se uma alternância entre o português e o idioma estrangeiro no mesmo programa.

O rádio da Grande Santa Rosa expressa visivelmente as influências da diversidade étnica, principalmente a alemã, em programas de diversas cidades da fronteira noroeste, como é o caso de Santo Cristo, Três de Maio, Ijuí, Santa Rosa, entre outros. A partir das entrevistas realizadas pelo Projeto Fronteiras observamos que a questão musical é um dos principais elementos de integração de brasileiros e argentinos que habitam a região e que tem como ponte o alemão e o espanhol, presentes, principalmente nas músicas do gênero bandinhas. O gosto pela música de bandas regionais brasileiras e pelo som de grupos tradicionalistas gaúchos, além das várias fisionomias do tango, gera a sintonia entre os dois povos. “E a influência dos gaúchos ou gauchos, como dizem os argentinos, é muito grande. É a rancheira, é o tango. O que



toca lá, toca aqui”’. (BERTOLDO, 2009)<sup>6</sup> Até mesmo a legislação radiofônica brasileira que obriga as emissoras brasileiras a baixarem sua potência à noite, contribui para potencializar o som das emissoras argentinas, tornando familiar a música do país. Durante o dia, quanto mais próximo da linha da fronteira, o dial do rádio é um localizador tanto de frequências argentinas quanto brasileiras. É portanto, um território sem fronteiras.

As músicas de bandinhas constituem quase um fenômeno à parte na região da grande Santa Rosa e fazem parte do repertório das emissoras de rádios que se localizam nesta faixa de fronteira, já foram incorporadas ao gosto musical desse público e é citado como um fator determinante da integração entre os dois lados da fronteira. Isto ocorre também, devido à imigração européia (inicialmente portugueses e espanhóis, e mais tarde alemães) que ocorreu com intensidade no noroeste brasileiro e leste argentino, evidenciando nos dois países musicalidade e manifestações culturais semelhantes. O resultado imediato é o surgimento de um grande número de conjuntos musicais deste estilo na região e a realização de festas e bailes animados por estas bandas, integrando argentinos e brasileiros. Esta parceria se estende do público para os negócios, unindo além dos ouvintes, também os artistas, que em ambos os lados lançam músicas com características das duas nações. Várias emissoras da região mantêm programas em língua alemã.

Na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, situa-se Uruguaiana, fronteira com a Argentina por Paso de Los Libres (basta cruzar a Ponte Internacional sobre o rio Uruguai) e por Yapeyú, distante 45 quilômetros. Nesta fronteira está situado o maior porto seco do Brasil, junto à aduana. Uruguaiana é lugar estratégico no comércio internacional com os países do Mercosul. Na cidade são cinco jornais (Cidade, O Jornal de Uruguaiana, Jornal Hoje, Tribuna, Diário da Fronteira) e cinco emissoras de rádio (Charua AM, Charrua FM, São Miguel AM, Líder FM, 96 FM).

Os meios de comunicação, como o rádio e o jornal, traduzem o cotidiano dos lugares e de seus habitantes por meio de sua programação ou de suas páginas, respectivamente. Observamos nas emissoras de Uruguaiana, por exemplo, a influência da língua espanhola, misturada naturalmente ao português, embora de forma sutil, durante os programas de rádio. Isto não significa que os locutores brasileiros fiquem falando portunhol todo o tempo ou de forma constante. Ao contrário, as expressões

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao Projeto Fronteiras em junho de 2009



nascidas da convivência e das relações de vizinhança, aparecem de forma aleatória ou dentro de um contexto determinado pelo emissor. Dependendo do assunto, da informação ou da participação do ouvinte, automaticamente o espanhol ou portunhol é inserido. Nesse momento, o locutor aciona uma das suas identidades, ou seja, a de fronteiroço que conhece o vocabulário utilizado pelos dois lados e faz uso dele sempre que quer interagir.

Usar a língua do outro é a formulação do desejo de aproximação ou da interação e quem faz essa mediação é a língua. Significa também a apropriação de expressões da cultura do outro, formas de manifestação, por meio da linguagem, que são marcas dessa relação estabelecida, visível nos termos, no sotaque e nas falas e interações dos fronteiroços. Neste caso, o idioma estrangeiro não é a “barreira” ou “fronteira cultural”, mas a “mediação”, que para MARTÍN-BARBERO (2009, p153), “tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo” e, por isso, são “mediações comunicativas da cultura”, não somente dela, mas também “dos seus produtos, (...) da sociedade, da política”.

Notamos que esse movimento ocorre muito mais quando há participação de ouvintes argentinos ou uruguaianos nas rádios de Uruguaiana via telefone ou internet do que em outros momentos, como na leitura de uma notícia ou na cobertura de um evento, a não ser que estes envolvam o país vizinho, de alguma maneira. Só assim podem aparecer expressões na fala do locutor próprias do outro país.

Nos jornais, as pautas sobre a fronteira evidenciam o dia a dia e o cotidiano tanto de Uruguaiana(BR)como de Paso de los Libres(AR), tendo como principais temáticas as questões ligadas à economia, como o câmbio da moeda, porque isso interfere diretamente na vida da comunidade e no fluxo dos negócios de exportação e importação, que são percebidos de forma concreta na aduana. Boa parte das matérias dos jornais da fronteira podem ser encontrados nas suas páginas na internet.

A internet é hoje um dos principais meios de interação entre a mídia e os receptores. Deste ponto de vista, a noção de comunicação também muda, como diz MARTÍN-BARBERO (2009, p.153), saindo do “paradigma da engenharia” para se ligar com “as interfaces, com os nós das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação intermediada”.

Se essa identidade da comunicação não ocorre mais exatamente por causa dos meios e sim pelas interações, segundo o autor, ela é “intermedialidade”. É a interação



que “possibilita a interface de todos os sentidos”. E ao pensar que a intermedialidade é um conceito que pode ajudar a pensar a hibridação das linguagens e dos meios, o autor exemplifica com o rádio: “É dizer que, cada vez mais, o rádio é cada vez menos somente rádio; o rádio hoje oferece programas que são blogs, no qual alguém fala, outras pessoas falam, e volta a falar o senhor ou a senhora” (2009, p. 153-154). Ele chama atenção ainda para o fato de que essa intermedialidade não é aquilo que costumamos entender como textualidade, ou seja, quando os textos dialogam entre si. Ele afirma que “estamos diante de uma interação que desestabiliza os discursos próprios de cada meio” e que tem o poder de um “vírus” fazendo com um meio contamine o outro, ou seja, uma “contaminação entre sonoridades, textualidades, visualidades, as matérias-primas dos gêneros”.

A produção cultural do rádio de fronteira está integrada a essa nova cultura das tecnologias e da comunicação, mesmo que, para quem olhe de longe ou de perto, a fronteira ainda pareça um lugar longínquo e abandonado. Se analisarmos no aspecto da infraestrutura física, da localização em relação aos grandes centros e das distâncias a percorrer por terra, sim, a fronteira é um lugar muito distante. Entretanto, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação amenizou essas dificuldades e mudou o panorama da fronteira para o mundo. Isto quer dizer que não somente as pessoas que moram na fronteira interagem mais facilmente com quem está fora dela, como também a própria fronteira se mostra para os outros por meio da mídia, já que as principais emissoras de rádio e também os jornais, estão disponíveis na rede. Então, não são apenas as participações dos ouvintes via internet, mas os meios se colocando para os ouvintes pela internet. A partir disso chegamos a outra forma de “intermedialidade”, não somente do ouvinte para o meio, mas do meio para o mundo.

Outro aspecto importante da produção cultural nas rádios da fronteira oeste é a música. Ali se toca muita música nativista, ou seja, um gênero musical típico do Rio Grande do Sul, chamado também de música gaúcha de raiz, cujos temas exaltam o campo, a terra, o rio, a mulher, entre outros. O ritmo é geralmente mais lento e as letras das músicas são de bastante elaboração, aproximando-se do literário, pelas figuras de estilo e metáforas utilizadas. Essa música reflete a cultura local e as vivências da maior parte da população, pois Uruguaiana, bem como os outros municípios da fronteira oeste, apresenta uma economia de grande representatividade agropastoril, com destaque para a



cultura do arroz e das fazendas de gado bovino e ovino. As propriedades são de grande extensão e o meio rural impacta também sobre o comércio e a vida na cidade.

As lojas de produtos agrícolas e os ranchos de gaúcho estão presentes em muitas ruas. Ali, como no campo, se ouve rádio e muita música nativista e gauchesca, que se difunde também no território vizinho, em toda a província de Missões. As rancheiras e vaneirões se misturam aos chamamés e aos ritmos do tango argentino. É um traço muito forte nas rádios locais, mas não se ouve somente isso. Os sons brasileiros, como a MPB, o sertanejo e o sertanejo universitário são solicitados inclusive pelos ouvintes argentinos. As rádios AM tocam mais música nativista e gauchesca e as FM os demais gêneros citados, bem como música internacional.

No caso dos jornais impressos, produzidos e primordialmente em circulação pelos espaços fronteiriços, cabe dizer que uma das estratégias empregadas pelos produtores de informação é passar para outro interlocutor (que não seja personificado como ‘representante’ do jornal ou da empresa jornalística) a função ou a possibilidade de empregar expressões idiomáticas pertinentes ao espaço fronteiriço, aproximando os sujeitos envolvidos nos fatos relatados por este veículo. Da mesma forma, fica evidenciado que em anúncios publicitários ou até mesmo em campanhas políticas abre-se a brecha de empregar expressões comumente utilizadas pelos moradores do lugar.

Com relação à utilização da internet pelas empresas midiáticas, há jornais da fronteira que além de impressos também estão colocados neste novo suporte. A tecnologia possibilita novas formas de interação, facilitando o acesso do leitor/internauta com os produtores da informação. Verifica-se que isto ocorre ainda de modo tímido por isso não podemos dizer que, no caso dos jornais impressos produzidos na fronteira, a internet seja o principal meio de interação, mas passa a ganhar espaço e importância. Com outro formato, mas também de modo a valorizar a produção cultural fronteiriça, é nas páginas impressas ou nos sites dos jornais que ficam evidenciadas as marcas da cultura local, de modo a reforçar e fortalecer a diversidade por meio da valorização das práticas socioculturais colocadas em cursos pelos agentes locais.

### **Considerações Finais:**

A fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina apresenta uma mescla de valores culturais que são representados pelas mídias locais e que foram se formando a partir dos referenciais históricos e sociais e das relações estabelecidas no cotidiano



desses lugares, que implica observar e vivenciar os fluxos que ali se sucedem, realimentando e reconfigurando as marcas do lugar, respeitando as diferenças, administrando os conflitos e produzindo formas de integração.

Acreditamos que, no que diz respeito às fronteiras “é possível ser diferente e mesmo assim conviver com os demais, aprender a viver com heterogeneidades, respeitando e salvaguardando a diversidade, aceitando o outro e as diferenças presentes nas práticas socioculturais”. É na cultura que se organiza o poder simbólico e ali também ele ganha significado, “regulando práticas sociais por meio de concepções, valores, costumes, crenças – funcionando, assim, para a instituição de identidades” (MULLER et al 2010, p. 7).

A mídia, da fronteira noroeste e da fronteira oeste do RS atua como elemento de difusão da cultura local, com todas as suas particularidades, marcas e traços com feições próprias. Além disso, registra os acontecimentos e fatos do lugar, se insere nesse processo, aproxima as duas realidades e contribui para a articulação dos elementos culturais. Enquanto narra os fatos do cotidiano, acompanha a mobilidade das comunidades, pois o foco de comunicação centra-se nelas e nas suas populações, o que corresponde à discussão da realidade e representação das vivências e da cultura do lugar.

## Referências

BAKHTIN, M. apud BURKE, P. Fronteiras culturais dos primórdios da Europa moderna. In: SCHÜLER, L.; BARCELOS, M (orgs.). **Fronteiras: Arte e pensamento da época do multiculturalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DEWES, B.; DORNELES, F.; ENDRUWEIT, L. **Os Outros Lados do Rio: identidades culturais ao Sul da América do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso. Projeto Experimental. Videodocumentário. Ijuí, RS: Unijuí, 2008.

GARCÍA CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. São Paulo: Iluminuras, 2008.



FERRARI, P. **Hipertexto, hipermídia:** as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

HALL, S. Culture, Community, Nation”, Cultural Studies, 3 (1993), p. 349-63 In: BAUMAN, Z. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. **Matrizes**, v. 2, n. 2, p. 143-162. Entrevista concedida à Maria Immacolata Vassalo de Lopes. São Paulo: ECA/USP, 2009.

MARTINS, M. H (org). **Fronteiras culturais:** Brasil, Uruguai e Argentina. São Paulo: Ateliê, 2002.

MATTELART, A. **Diversidade cultural e mundialização.** São Paulo: Parábola, 2005.

MÜLLER, Karla M. **Mídia e fronteira:** jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese de doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Disponível em [www.midiaefronteira.com.br](http://www.midiaefronteira.com.br)

MÜLLER, K.M.; GERZSON, V.R.S.; RADDATZ, V.L.S.; PEREIRA, I.E.B.; PRADO, N. **Práticas socioculturais fronteiriças no jornal A Platéia:** do local ao global. Anais do X Congresso da Associação Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação. Pontifícia Universidade Javeriana, Bogotá: setembro de 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras culturais:* Brasil, Uruguai e Argentina. São Paulo: Ateliê, 2002.

RADDATZ, V.L.S. Rádio de fronteira: do espaço local à cultura global. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

STAVENHAGEN, R. Cultos, incultos e ocultos: as novas identidades latino-americanas. In: GARCÍA-CANCLINI, N. (coordenador acadêmico). **Culturas da Ibero-América:** diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento. São Paulo: Moderna, 2003.

#### ENTREVISTA

BERTOLDO, Clair Pedrinho. Rádios Repórter AM e Iguatemi FM. Ijuí, RS, 2008.